ESPECIAL EBSERH
NOVEMBRO DE 2021
Sintufrj
FASUBRA CUT
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
GESTÃO RESSIGNIFICAR

URGENTE: PRESSÃO CONTRA EBSERH

TERÇA-FEIRA (23/11) ÀS 9H, NA REITORIA DA UFRJ, VAMOS DAR UM GRANDE NÃO À EBSERH!

Entidades convocam comunidade universitária para defender autonomia universitária e o Complexo Hospitalar da UFRJ

A reitoria convocou um Consuni extraordinário para esta terça-feira, dia 23, com pauta única: o debate sobre a adesão à Ebserh.

A representação da nossa categoria no Conselho Universitário solicitou que a sessão fosse remarcada para o dia 2 de dezembro, possibilitando a construção de um parecer alternativo ao do relator da Comissão de Desenvolvimento do Consuni, mas a reitoria ignorou o apelo.

É um absurdo que um tema como esse seja tratado em uma reunião convocada às pressas, quando todas as atenções da universidade estão voltadas ao processo de retorno às aulas e ao trabalho presencial.

O Sintufrj, ao lado do DCE Mario Prata, do Andes-SN e do Movimento Barrar a Ebserh na UFRJ, convida toda a comunidade para uma mobilização contra o retrocesso.

Venha defender a autonomia universitária e o Complexo Hospitalar da UFRJ!

Empresa não é a solução

No curso desses anos, a Ebserh assumiu a gestão de várias unidades de saúde de universidades federais. Os relatos das experiências em várias dessas instituições (registrados em reportagens do Jornal do Sintufrj) só confirmam as críticas que antecederam a implantação da empresa.

1. O viés assistencial dos hospitais administrados pela Ebserh afastou o caráter de hospitais- -escola referenciados no ensino, na pesquisa e na extensão.

2. A perspectiva produtivista e gerencial estabelece metas de maximização de receitas muitas vezes contrariando as necessidades acadêmicas.

3. O modelo de gestão fere diretamente a autonomia universitária, uma vez que os processos de decisão nas mãos da empresa retiram das unidades acadêmicas o seu poder de determinar as prioridades exigidas para a formação dos alunos. O método da empresa é de ações centralizadas e os conselhos consultivos não têm poder de deliberação.

4. Nas relações de trabalho, a chegada da Ebserh na gestão dos hospitais resultou num prontuário de crises com sobrecarga de trabalho, conflitos pela existência de vínculos empregatícios diferentes e adoecimentos.

Pelas investigações feitas por profissionais de saúde da universidade em outras instituições, ficou evidente a priorização da empresa no investimento de recursos financeiros, quase que exclusivamente, em atividades assistenciais, em detrimento de salas de aula e de outras atividades de ensino

RETROCESSO À VISTA?

A Ebserh retorna à agenda da UFRJ como um fantasma que assombra a universidade depois de ter sido expulsa há alguns anos

Empresa rejeitada

Em 2013, a contratualização da empresa foi objeto de intensos debates na comunidade. Já na época, foram apresentados questionamentos fortíssimos à interferência da empresa na autonomia universitária, levando ao risco de transformação dos hospitais universitários em hospitais única e exclusivamente assistenciais.

Também foram tratados os problemas advindos da criação de um novo vínculo trabalhista: os trabalhadores da Ebserh e não da UFRJ. Foi um processo rico, por vezes conflituoso, e de intensa mobilização. A conclusão foi o recuo da **Reitoria, acatando a vontade da maioria da universidade, e optando pelo investimento na organização do Complexo Hospitalar da UFRJ.**

Nova tentativa

No dia 28 de setembro a Reitoria da UFRJ enviou para a Comissão de Desenvolvimento do Conselho Universitário (Consuni) um relatório sobre a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) construído por uma comissão nomeada pela Administração.

Essa comissão, junto com o relatório que analisa a situação dos hospitais universitários e recomenda a adesão à Ebserh, fez uma solicitação para abertura do debate no órgão máximo da universidade, o Consuni.

Oito anos depois, a Ebserh retorna à pauta, novamente como promessa de solução dos problemas. Ao contrário de 2013, quando a Reitoria tomou a iniciativa de realizar no Fundão e na Praia Vermelha debates abertos com as unidades sobre a proposta, desta vez a Ebserh ressurge sem grandes discussões, restritas até agora ao âmbito das unidades do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e sem participação das entidades.

Muito pouco para um tema que implica em drásticas mudanças para a UFRJ, inclusive com alteração do seu estatuto.

Luta por recursos

Não somos alheios aos problemas gravíssimos vividos pelos hospitais da UFRJ. Sem autorização para novos concursos, os HUs mantêm funcionamento com um efetivo considerável de trabalhadores temporários. O encerramento desses contratos representará o fechamento de muitos leitos.

Consideramos, no entanto, que não existe solução parcial para os problemas da UFRJ. **Ou resistimos aos ataques e enfrentamos as adversidades unificando a comunidade em defesa da universidade, ou abrimos um flanco para a fragmentação e a correria desorganizada para buscar paliativos para um setor ou unidade.**

Saída?

Sabemos que as pressões para adesão da UFRJ são grandes. A UFRJ é a única a manter o modelo de hospitais administrados diretamente pela universidade. Mas será que uma empresa pública, comandada por um dos inúmeros generais do Exército Brasileiro que povoam as estruturas do Estado no governo de Jair Bolsonaro, sem dotação orçamentária para abarcar os hospitais da UFRJ e com um histórico de interferência na autonomia é mesmo a alternativa?

É hora de exercitar a democracia interna, ampliar o debate e buscar caminhos que unifiquem a comunidade na defesa da UFRJ contra os ataques do Governo Federal.

HISTÓRIAS NADA BOAS

Relatos condenam experiência da Ebserh em hospitais universitários

O cenário é adverso. A trajetória das gestões da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) é um prontuário de crises que tem resultado em sobrecarga de trabalho, conflitos pela existência de vínculos empregatícios diferentes e adoecimentos. Imposição de metas de produtividade e precarização do trabalho são fatores que comprometem os hospitais universitários. É esta ameaça que paira sobre as unidades de saúde da UFRJ.

Relações de trabalho

Com a chegada da Ebserh, o hospital universitário da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, passou a enfrentar uma natureza de problemas que nunca tinha lidado anteriormente. A implantação da empresa começou por afetar as relações de trabalho, **com a distinção na forma de contração, entre celetista e estatutário.**

Além disso, a direção da unidade passou a ser constituída por executivos da Ebserh. Desde 2014, quando a Ebserh assumiu a unidade hospitalar, não houve mais eleição para diretor. Hoje há três vínculos trabalhistas: estatutários, celetistas contratados pela Ebserh e terceirizados.

Avanço no patrimônio

A contratualização da Universidade Federal de Pelotas com a Ebserh foi em 2014. A universidade neste momento está cedendo alguns prédios à empresa, o que tem provocado reações dos servidores que afirmam que o patrimônio da instituição não pode ser alienado.

Há dois regimes de trabalho com carreiras diferentes e salários diferentes gerando enorme conflitos. Casos de assédio moral aumentaram e alguns já são alvos de ação do Ministério Público. **Os trabalhadores do RJU estão em extinção. Quem se aposenta é substituído por celetista da Ebserh. A força de trabalho no hospital é cada vez mais da empresa.**

Sob chantagem

A Ebserh atua no hospital universitário da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), da cidade do Rio Grande, com gestão plena: é ela que comanda tudo e isso já faz seis anos (a adesão foi em 2015). Segundo os servidores críticos, o reitor estava sob chantagem e aceitou a adesão à empresa: **ou o hospital embarcava na Ebserh ou não teria dinheiro.**

A resistência dos trabalhadores no debate que culminou com a adesão à empresa, chegou a surtir algum efeito: a categoria conseguiu incidir sobre o contrato com a Ebserh alguns aspectos importantes, como a eleição para a escolha de superintendente e a definição de que os estatutários continuassem sob gestão da universidade, se reportando à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. Portanto não houve uma transferência pura e simples de pessoal como em outros casos de adesão.

FALSO ARGUMENTO

Um dos argumentos utilizados por alguns setores da UFRJ para justificar a adesão da universidade à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) é que, por causa das precárias condições dos hospitais universitários – principalmente o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) –, as notas dos cursos na área de saúde vêm caindo no ranking das avaliações institucionais.

"É uma inverdade fazer associação direta entre a melhora da avaliação institucional e a adesão à Ebserh", diz o especialista no assunto, o técnico-administrativo da UFSC Rafael Pereira, ex-dirigente da Fasubra. Ele é doutor em Educação pela UFPR e autor do livro "A universidade eficiente no Brasil, reflexões sobre a política nacional de avaliação e a gestão universitária".

Deu no Jornal do Sintufrj

Jornal do Sintufrj nº 1334

UFRJ 5 Jornal do Sintufrj

EBSERH CONTESTADA

Proposta de trazer empresa para gerir hospitais da UFRJ é duramente questionada pela comunidade universitária

A possibilidade de convênio entre a UFRJ e a Empresa Brasileira de Hospitais (Ebserh) entrar na agenda de discussões agora em agosto continua trazendo inquietação à universidade. O tema é polêmico, tem um histórico de contratação da comunidade universitária e se torna mais problemático diante da conjuntura que tem com um dos fatores mais adversos o governo de ultra direita no país, hostil à saúde e à educação pública no país.

Nos últimos dias, um relatório de comissão constituída pela Faculdade de Medicina por cinco professores, um técnico-administrativo e um estudante continua repercutindo. O conteúdo desse relatório foi divulgado em boletim específico do Sintufrj distribuído pelas redes digitais. Um dos pontos centrais das conclusões do documento destaca que, a presença da Ebserh em instituições resultou em "interferência importante na autonomia universitária".

O relatório é devastador para quem defende a Ebserh como gestora das unidades hospitalares da UFRJ. Em um dos seus trechos, o texto afirma que o convênio entre as instituições e a empresa resultou em "insuficiente apoio às atividades de ensino de graduação, pós-graduação e pesquisa, com ênfase, quase exclusiva, na prestação de serviços assistenciais à saúde".

VEJA OS PONTOS RELACIONADOS PELA COMISSÃO

1. Cisão de professores sem a concessão da unidade de ensino, sem a preservação de suas atividades docentes, inerentes ao cargo, e com restrição de carga horária dedicada à instituição de ensino, caracterizando descomprometimento com atividades de ensino por docentes e técnico-administrativos-administrativos cedidos.

2. Priorização no investimento de recursos financeiros, quase que exclusivamente, nos espaços de atividades assistenciais, em detrimentos de salas de aula e de outras atividades de ensino.

3. Estabelecimento de prazo para elaboração de um plano diretor do Complexo Hospitalar, sem a participação e homologação das unidades de ensino.

4. Estabelecimento de metas assistenciais sem a adequação necessária às atividades de ensino inerentes. **5.** Designação de cargos de chefia e de membros do conselho gestor do complexo hospitalar sem a anuência das unidades de ensino e consulta à comunidade universitária.

BRASIL

Correios são a bola da vez

Menos de dois meses após a Eletrobras, a Câmara dos Deputados aprovou na quarta-feira, 5, o texto base da privatização dos Correios. Foram 286 deputados que disseram sim ao Projeto de Lei (PL) nº 591/2021, que permite que empresas privadas explorem o serviço postal brasileiro.

Só as bancadas do PT, PSB (com todo), PDT (com todo), PSOL, PCdoB e da Rede, além da bancada da Minoria e da Oposição na Casa, que reuniu 173 deputados, votaram integralmente contra. Já PV e Podemos liberaram suas bancadas.

O PL tramitou em regime de urgência, pois o governo tem pressa de privatizar tudo o que é público vide também a proposta de reforma administrativa que tramita no Casa. E foi colocado para votação às pressas, num plenário esvaziado, pelo aliado do bem de Bolsonaro, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). A base do governo Bolsonaro, aliada aos partidos do Centrão, fizeram a festa.

Os Correios demonstraram lucro de 1,5 bilhão só em 2020. O detalhe é que apenas o que for rentável para a iniciativa privada será explorado, que hoje somam 325 municípios do total de mais de 5 mil no país. Isso se o PL for aprovado sem mudanças no Senado. Nossa luta continua!

Jornal do Sintufrj nº 1335

EBSERH 7 Jornal do Sintufrj

EXPERIÊNCIA AMARGA

O Sintufrj foi buscar relatos em três universidades federais que aderiram à Ebserh. E as histórias não são boas

O cenário é adverso. A trajetória das gestões da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) é um prontuário de crises que tem resultado em sobrecarga de trabalho, conflitos pela coexistência de vínculos empregatícios diferentes e adoecimentos. Imposição de metas de produtividade e precarização do trabalho são futuros que comprometem os hospitais universitários. E esta ameaça que paira sobre as unidades de saúde da UFRJ.

Crise nas relações de trabalho

Com a chegada da Ebserh, o hospital universitário da Universidade Federal de Santa Maria passou a enfrentar uma gama de problemas que nunca tinha lidado anteriormente. A implantação da empresa começou por alterar as relações de trabalho, com a distinção na forma de contratação entre celetista e estatutário. Além disso, a direção da unidade passou a ser constituída por executivos da Ebserh. O pessoal é dirigido por cargos de chefia da Ebserh. Desde 2014, quando a Ebserh assumiu a unidade hospitalar, não houve mais eleição para diretor. Hoje há três vínculos trabalhistas: estatutários, celetistas contratados pela Ebserh e terceirizados. E a questão de pessoal não foi resolvida, porque durante a pandemia foi necessária a contratação emergencial de profissionais da área de saúde para atender à demanda.

Empresa avança no patrimônio da Universidade de Pelotas

A centralização da Universidade Federal de Pelotas com a Ebserh também foi no ano de 2014. A universidade possuía o maior hospital público 100% SUS do Rio Grande do Sul, o Escola de Saúde Pública, e o Hospital Universitário São Francisco de Paula. Em 2015, a Ebserh assumiu a gestão do Hospital Escola, mas não o Escola de Saúde Pública, que ficou sob a responsabilidade da universidade. Em 2016, a Ebserh assumiu a gestão do Hospital Universitário São Francisco de Paula, mas não o Escola de Saúde Pública, que ficou sob a responsabilidade da universidade.

Adesão à Ebserh foi feita sob chantagem

A Ebserh atua no hospital universitário da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), na cidade do Rio Grande, com gestão plena: é ela que contrata tudo, e isso já faz uns cinco ou seis anos. A adesão foi em 2013. Segundo os servidores ouvidos, o reitor ocupava sob chantagem e assinou a adesão à empresa. A chantagem era a seguinte: ou o hospital fechava as portas ou não teria dinheiro. A resistência dos trabalhadores no debate que culminou com a adesão à empresa chegou a sortir algum efeito: a categoria conseguiu incluir sobre o contrato com a Ebserh alguns aspectos importantes, como a eleição para a escolha de superintendente e a definição de que as estatísticas continuassem sob gestão da universidade, repassando-se à PróReitoria de Gestão de Pessoas. Portanto, não houve uma transferência para o simples de pessoal como em outros casos de adesão.

Jornal do Sintufrj nº 1336

A proposta de retorno da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) à agenda da UFRJ provoca inquietação na comunidade universitária. Uma comissão constituída pela Faculdade de Medicina fez várias restrições à adesão à empresa, como o Sintufrj publicou. Em julho, o sindicato reuniu numa live professores, um estudante de medicina e um dirigente da Fasubra para debater o assunto. As críticas foram incisivas.

As críticas se apresentam na abordagem dos prejuízos acadêmicos e no ataque à autonomia universitária como destacaram os professores Nelson Souza e Silva (emérito da UFRJ) e Vladimir Tadeu Batista Soares, da Faculdade de Medicina da UFF. No texto a seguir, o Jornal do Sintufrj destaca alguns pontos sobre um tema de importância substantiva para as unidades de saúde da UFRJ e seu papel na formação de profissionais da saúde.

Controle acadêmico

Alguns acham que podem elaborar um contrato com a Ebserh que seja favorável a universidade, que possa dar garantias em termos de ensino, mas a experiência tem mostrado outros resultados: diretores de faculdades de Medicina vêm chamando atenção para a perda de controle acadêmico sobre os hospitais.

A Ebserh pode ter autonomia até para receber alunos de universidades privadas que queiram treinar seus alunos dentro do hospital e pode fazer contrato com faculdades de Medicina privadas.

Quem vai fazer o concurso?

A Ebserh faz concurso para seleção de residentes no Brasil todo para ingresso nos hospitais universitários. Não será a universidade que selecionará seus residentes, mas a Ebserh? Significa que serão profissionais da Ebserh?

Por outra, se os residentes forem contabilizados como médicos, além de serem usados como força de trabalho e não como profissionais em treinamento, isso vai refletir em menos vagas para os médicos técnicos-administrativos da universidade.

Além de afetar o treinamento, também afeta a política de pessoal e acaba a residência nos moldes como hoje se dá. Deve-se questionar ainda quem vai organizar o concurso em nível nacional? Uma empresa terceirizada? Teremos uma "Cesgranrio" para o concurso para a residência médica?

Você confia neste governo?

Dá para confiar em um contrato favorável aos princípios de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, ou com compromisso social com um governo desses?

Só para dar um exemplo, além de todas as barbaridades contra a ciência e contra a universidade pública proferidas por este governo, a Ebserh é vinculada ao MEC, conduzido por um ministro (Milton Ribeiro) que disse (no programa 'Sem Censura', da TV Brasil, dia 9), que uma criança com deficiência atrapalha o aprendizado dos outros, que a "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade" e que reitores das universidades federais não podem ser 'esquerdistas, nem lulistas'. É com esse governo que querem negociar?

Empregos cada vez mais precários

Um contrato é um contrato. Depois de firmado, está feito. E, fora um sem-número de sinais que o desaconselham, há medidas em cursos para o desmonte do Estado e da administração pública federal, com alterações em série na legislação num Congresso conservador, como a flexibilização em curso na legislação trabalhista ou a reforma administrativa, embaladas pelo ideário privatista do governo.

É tudo isso com uma finalidade, a transferência de recursos públicos para o setor privado, pois continuam em voga as orientações do Banco Mundial: privatiza-se tudo e para o que não puder ser privatizado, cria-se uma empresa pública de direito privado.

Falácia: "Sem Ebserh, hospitais vão fechar"

O arrocho é de toda universidade pública, da Educação, da Ciência e Tecnologia. E a luta, portanto, é de todos.

A questão é que o orçamento mingou para tudo no serviço público depois da PEC do Teto (EC 95) apelidada de PEC do fim do mundo (aprovada em 2016), que congela investimentos em políticas públicas fundamentais para o povo como educação e saúde. Ou seja, seria no mínimo ingênuo acreditar que os recursos vão jorrar com a Ebserh.

Jornal do Sintufrj nº 1337

CAOS NO HOSPITAL DA UFF

Em depoimento ao JORNAL DO SINTUFRJ, assistente social do Huap diz que Ebserh aumentou os problemas da unidade de saúde

A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), que teve sua adesão aprovada pelo Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2016, não melhorou a situação do Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap). A novidade este ano da Ebserh foi a solicitação ao reitor da cessão do patrimônio e dos servidores estatutários para a empresa.

"Passados cinco anos, piorou. Vivemos um caos com a Ebserh. Faltam insumos, falta gaze e instrumentalização para poder fazer as cirurgias. Às vezes falta profissional e tem que bloquear o leito", relata a assistente social Maria das Graças Garcia e Souza. "A novidade do pedido de cessão é absurda e inconstitucional. Levamos ao Conselho Universitário, e conseguimos que fosse descartado pela universidade", sublinha.

Servidora no Huap desde 2005, Maria das Graças é conselheira universitária, mestre em Ensino na Saúde e Docência Interdisciplinar para o SUS e coordenadora do Sintuff.

Segundo ela, a Ebserh trouxe não aumento do número de leitos nem de funcionários, e a gestão empresarial criou situações de assédio moral e comprometimento do atendimento de acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Os profissionais de saúde perderam a autonomia: os residentes, o campo de treinamento e a pesquisa e a assistência ganharam cunho empresarial, diz ela, em seu relato.

"Temos um professor que é médico que costuma dizer que o Huap virou um hospital sem vida, com fluxos maravilhosos no papel, mas que na prática não funciona, por mais que digam que continua um hospital do SUS. Vimos que virou um hospital que faz atendimento de forma mecânica", lamenta. "Mas continuamos na luta para rever e acabar com esse contrato com a Ebserh", diz.

Unidade de referência

O HUAP pertencente à UFF, é a principal referência de média e alta complexidade da região de Niterói, cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro do Sistema Único de Saúde (SUS). Os profissionais da unidade passou a ser constituída por executivos da Ebserh. O pessoal é dirigido por cargos de chefia da Ebserh. Desde 2014, quando a Ebserh assumiu a unidade hospitalar, não houve mais eleição para diretor. Hoje há três vínculos trabalhistas: estatutários, celetistas contratados pela Ebserh e terceirizados. E a questão de pessoal não foi resolvida, porque durante a pandemia foi necessária a contratação emergencial de profissionais da área de saúde para atender à demanda.

Uma grande perda da autonomia universitária do hospital universitário foi em relação à pesquisa. "Perecbemos que houve um deslocamento da função do hospital universitário, que é assistência, pesquisa e ensino. Antes qualquer pesquisa era ligada a um professor da universidade: hoje tem de atender a projetos da empresa. É uma grande perda da nossa autonomia".

O profissional de saúde também perdeu autonomia e foi adotado o critério produtivista. "Os médicos trouxeram para mim essa situação. Antes quem definia e quem fazia a classificação de risco do paciente que vai ocupar o leito era o médico. Hoje existe um projeto chamado Kanban – surgiu no Japão, na época do toyotismo –, um sistema produtivista que alia eficiência e lucro em relação aos leitos e pacientes que a Ebserh tenta adaptar no Huap."

Jornal do Sintufrj nº 1338

EDIÇÃO Nº 1338 – 6 A 12 DE SETEMBRO DE 2021
UFRJ 5 Jornal do Sintufrj

CARTA ABERTA À COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA*

A Ebserh é uma alternativa?

A realidade de um governo hostil à ciência, à pesquisa e à universidade pública estabelece limites claros para a definição de políticas públicas no âmbito da rede de instituições federais de ensino superior. A crise sanitária que restringe drasticamente a possibilidade de convívio do conjunto da comunidade universitária reduz a participação nos debates e a amplitude democrática das decisões.

São fatores presentes que tornam extemporâneo o retorno da discussão acerca da adesão da UFRJ à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Um tema tão fundamental para o futuro de nossas unidades hospitalares, dos seus profissionais de saúde, dos estudantes que formam e da sociedade que exige representatividade e ambiente político favorável – condições que o atual cenário não oferece.

A Ebserh foi ponto de intensos debates na UFRJ, e a proposta de sua implantação entre nós, como se sabe, foi rejeitada em 2013. A universidade decidiu, como alternativa à contratualização da EBSERH, investir na implantação do Complexo Hospitalar da UFRJ.

No curso desses anos, a empresa assumiu a gestão de várias unidades de saúde de universidades federais. Os relatos das experiências em várias dessas instituições só confirmam as críticas que antecederam a implantação da empresa.

• O viés assistencial dos hospitais administrados pela Ebserh afastou o caráter de hospitais-escola referenciados no ensino, na pesquisa e na extensão.

• O modelo de gestão fere diretamente a autonomia universitária, uma vez que os processos de decisão nas mãos da empresa retiram das unidades acadêmicas o seu poder de determinar as prioridades exigidas para a formação dos alunos.

• A perspectiva produtivista e gerencial estabelece metas de maximização de receitas muitas vezes contrariando as necessidades acadêmicas.

• O princípio de gestão democrática que rege as decisões nas universidades através dos seus colegiados é atropelado pelo método centralizado de decisão da empresa por meio de conselhos consultivos que não têm poder de deliberação.

(...) Pelas investigações feitas por profissionais de saúde da universidade em outras instituições, ficou evidente a priorização da empresa no investimento de recursos financeiros, quase que exclusivamente, em atividades assistenciais, em detrimento de salas de aula e de outras atividades de ensino.

É PRECISO UM DEBATE FRANCO

A proposta de retorno da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) à agenda da UFRJ provoca inquietação na comunidade universitária. **Daí, ser fundamental um debate franco, aberto, com a participação de representantes de instituições nas quais a Ebserh já esteja presente.**

Agora a pergunta que não quer calar: A Ebserh é vinculada ao MEC: dá para confiar neste governo que tem um ministro que diz que "uma criança com deficiência atrapalha o aprendizado dos outros", que a "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade"? Quais os riscos corre a UFRJ – e a sua autonomia – ao assumir um contrato com uma empresa sob gestão direta de mais um dos generais de Bolsonaro?

Sintufrj – Gestão Ressignificar

Jornal do Sintufrj nº 1341

EDIÇÃO Nº 1341 – 11 DE SETEMBRO A 8 DE OUTUBRO DE 2021
UFRJ 7 Jornal do Sintufrj

Com remuneração de 60 mil reais, Oswaldo Ferreira integra uma casta de militares que exerce altos cargos no governo

A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) – responsável pela gestão de 40 hospitais universitários – é presidida por um militar que assumiu Bolsonaro desde 2018. Trata-se do general de Exército da reserva Oswaldo Ferreira.

Ferreira acumula remuneração recebida como integrante das forças armadas e como executivo da Ebserh: R$ 60.808. No mesmo dia em que assumiu a presidência da empresa em 1 de janeiro de 2019, Oswaldo Ferreira integrou uma casta de altos patentes das Forças Armadas nomeadas por Bolsonaro para exercer cargos importantes na administração federal.

Além dos generais bolsonaristas que ocuparam cargos com gabinetes no Palácio do Planalto, como o ex-ministro Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), e Luis Eduardo Ramos, na Secretaria Geral da Presidência, Bolsonaro pôs no Ministério da Defesa uma espécie de elo de ligação, o general Braga Netto.

A presença militar no governo é substantiva e de peso. Para se ter uma ideia, 16 das principais empresas estatais são comandadas por militares das três forças.

Oswaldo Ferreira, da Ebserh, pertence a uma elite que recebe altas remunerações e que tem no seu cerne o presidente da República, Jair Bolsonaro, e o vice, general Hamilton Mourão, além de ministros militares, como o da Defesa, general Walter Braga Netto, o da Casa Civil, general Luiz Eduardo Ramos, o da Secretaria-Geral, general Floriano Peixoto, o do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno, o da Secretaria de Governo, general Luiz Eduardo Ramos, na Secretaria Geral da Presidência, Bolsonaro pôs no Ministério da Defesa uma espécie de elo de ligação, o general Braga Netto.

A presença militar no governo é substantiva e de peso. Para se ter uma ideia, 16 das principais empresas estatais são comandadas por militares das três forças.

Oswaldo Ferreira, da Ebserh, pertence a uma elite que recebe altas remunerações e que tem no seu cerne o presidente da República, Jair Bolsonaro, e o vice, general Hamilton Mourão, além de ministros militares, como o da Defesa, general Walter Braga Netto, o da Casa Civil, general Luiz Eduardo Ramos, o da Secretaria-Geral, general Floriano Peixoto, o do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno, o da Secretaria de Governo, general Luiz Eduardo Ramos, na Secretaria Geral da Presidência, Bolsonaro pôs no Ministério da Defesa uma espécie de elo de ligação, o general Braga Netto.

Ebserh nesta hora?

A Ebserh retornou à pauta da UFRJ recentemente, depois que uma resistência da comunidade universitária em 2013 impediu que a empresa assumisse as unidades hospitalares da universidade.

Possibilidade de adesão à empresa nesse momento: num governo visivelmente hostil às universidades públicas e à ciência, traz preocupação a amplos setores da instituição.

A perda da autonomia universitária, os prejuízos que uma lógica mercantil que enseja a Ebserh trará à formação acadêmica e os arrepios entre servidores técnicos e docentes e estudantes da área de saúde.

CONSCIÊNCIA NEGRA

Uma década de política de cotas

— CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

De 18 a 22 de outubro, a Câmara de Políticas Raciais da UFRJ realizará o seminário "Dez anos da política de cotas: experiência das comissões de heteroidentificação nas universidades". São duas modalidades de inscrição como expectadores de comissão de heteroidentificação (pelo link: bit.ly/heteroidentificacao2021) e como ouvintes (pelo link: https://sgr.ufrj.br/). O link do evento será divulgado em breve.

O evento, por si só, já é importante, mas ganha mais relevância porque ocorre a revisão da Lei nº 12.711/2012, que garante a reserva de vagas para o ingresso nas instituições federais de ensino superior e técnico de nível médio para candidatos autodeclarados pretos e pardos. O que está previsto para 2022.

"Essa revisão dará frente a uma série de discursos recorrentes de reducionismo da importância das políticas raciais", alerta o técnico-administrativo Vitor Matos, um dos coordenadores da Câmara de Políticas Raciais da UFRJ. "É nosso dever compreender o tema para, criticamente, participar das discussões que estão por vir. A conjuntura é de ataque a tudo que é público e que busca igualdade para as minorias políticas", alerta.

Mais uma razão para participar do seminário em outubro, que será totalmente virtual.

Você pode acessar estas publicações no link: https://sintufrj.org.br/jornal/